

À Biblioteca Pública de Braga

OPINIÃO Livre

16
JUNHO
1962

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — AMARES

Decorrem com muito brilhantismo as Festas a Santo António

Desde a quarta feira finda que as Festas a Santo António e do concelho se desenrolam conforme o programa e com a maior concorrência e brilhantismo.

O dia 13, dia especialmente dedicado ao Santo festejado, primou por actos que tiveram a moldurá-los a maior solenidade e fé. Foram muito numerosas as crianças da primeira comunhão e da comunhão solene, vestidas com o maior rigor e a quem dirigiu a alocação habitual o Rev. dr. António Freire, S. J. Na adoração da tarde o mesmo sacerdote fez o sermão, peça magnífica de oratório, aliás habitual em quem goza de

A procissão foi uma manifestação esplendorosa de Fé. Cerca de uma centena de variantes, andores, as mais variadas e conhecidas figuras alegóricas num cenário orna-

do por muitos milhares de pessoas que assistiram à sua passagem e aos cantares do coro de virgens, quadro grandioso. A procissão alongava-se numa extensão de cerca de meio quilómetro a dar uma ideia significativa da sua grandeza, ajudada na importância dos seus quadros e das suas cores por uma ornamentação a primor, em que abunda o decoramento da Igreja Matriz, em verdade digno de ser admirado principalmente de noite.

A noite a concorrência foi grande as típicas fogueiras e cantares tiveram a moldura dos anos anteriores. Exibiu-se, pela primeira vez, um andor último mas já com um reportório digno de ser visto. É justo aproveitar o momento para dirigir uma palavra de insitamento aos organizadores no sentido de

lhes pedir que continuem pois a terra precisa desse agrupamento e matéria prima não lhe falta.

Já quando este jornal entra-



Igreja Matriz onde se venera o grande Santo Português

va no prelo realizava-se a Feira Franca e o Concurso Pecuário, concorrida manifestação da lavoura local que como sempre apresentou exemplares do melhor aspecto.

O programa de hoje, sábado, é o mais selecto embora amanhã seja o dia mais concorrido e propriamente o dia da festa grande. Os ranchos que hoje nos visitam, da Marfel e de Paredes de Coura são em verdade muito bons, o fogo de artifício será escolhido e haverá muita música além do arraial minhoto, expressão de elegância a que não costumam faltar as damais vistosas em seus trajes de requinte. Também aqui tem uma boa orquesta se exhibirá além dos ranchos.

O Domingo é o dia grande. Terá muitos números mas neste dia os números quase não contam. O povo junta-se aos milhares, vem de todos os lados e em todos os meios de transporte, tudo invade e em dado momento nem transitar se pode nos sítios principais. Este ano, graças ao progresso que vamos experimentando, novas vias são abertas aos forasteiros e o problema dos carros

ASPECTOS DO PASSADO E DO PRESENTE

por MATEUS RICARDO

«No mundo nada se perde e nada se cria; tudo se transforma. Assim iniciava, naquele tempo, uma lição de Ciências Naturais, o Dr. Santos Mota. E, para virificar o conteúdo livresco, ditado por Lavoiscur, teve o cuidado de acrescentar esta frase concludente — «se Deus quizer». Era de admirar, numa época em que se retirava oficialmente das escolas os mais altos valores morais para fomentar a invasão da matéria corrupta, um professor de ciências se exprimir desta maneira. Mas éle, que confiava bem mais na sua firmeza do que no extravagante transformismo de Deus, ainda que ela se tornasse pedra de escândalo. Demais sabia éle que nenhum macaco chegou à galaria dos homens, embora estes descessem por vezes a macacos de ínfima espécie. Mas enfim... entrava em ligivas considerações temáticas por imposição e dever de officio. E contudo, éle era um homem de peso e saber. Cabeça oval, olhos salientes e penetrantes, nariz triangular bem ventilado, tronco e membros desenvolvidos, temperamento sanguíneo, ânimo resoluto, não se lhe regateava o devido

respeito. Quando à entra o esperavamos reverentes, éle retribuía sempre o nosso gestos com habitual cumprimento, não se esquecendo de premir o apêndice auditivo aos mais próximos e se divertia até em vê-los estrebucarem-se de sentimentos. Logo, para acalmar os ânimos, puxava da fogueira de pau preto e aspirava abundantes pitadas, sempre franco em ofertá-las aos discípulos. Enchia de jovialidade o velho liceu dos Congregados, em cuja torre o relógio ia demarcando o tempo, que vai e... Ainda me lembrô da «Cabra», suspensa no ângulo esquerdo seca Paiva para vergonha de retardatários e alívio de pesadelos dos «cábulas», o jardim com flores maltratadas pelas nossas «traves-

(Continua na 4.ª página)

UM DESEJO

Que a política nestas terras do Minho seja orientada por homens dados ao bem público e ao interesse comum, aposentando os profissionais de mister, saltimbancos, de cargo em cargo.

Não importa que se distribuam mais algumas comendas mas com o compromisso formal de que é para abandonar o palanque.

está resolvido pois as novas ruas são manancial inexgotável de lugares para os carros estacionarem.



TRIBUNA FEMININA

SEMENTE

A ESPERANÇA DA NOVA COLHEITA

Quando o sementeiro, numa máquina, fará um dia desaparecer completamente, atira a semente à terra, e com ela a sua esperança numa farta colheita, raramente se demorará a pensar na força criadora que encerra essa porção de vida, por vezes bem minúscula!

A semente é simultaneamente um princípio e um fim: Princípio da colheita que há-de chegar; fim da colheita que terminou.

Cada semente mesmo a mais insignificante, constitui um mundo microscópico, de estrutura muito complexa, onde se concentram as forças da vida.

Podemos comprar uma semente a uma fortaleza, preparada para resistir durante um período longo aos assaltos do exterior, protegendo convenientemente os sitados: neste caso o embrião vegetal. Por isso a maior parte da semente é constituída por alimentos de reserva: hidratos de carbono, proteínas, gorduras e minerais.

A função biológica da semente é a da perpetuação da respectiva espécie. Mas o homem utiliza em seu nome seu proveito esta maravilha da natureza, quer incluindo-a na sua alimentação ou na dos animais domésticos, quer obtendo através dela novas colheitas.

A utilização das sementes com o objectivo deliberado de as multiplicar constitui a essência da própria Agricultura.

Mas embora cada semente desde que não tenha perdido a vitalidade, possa reproduzir nova planta igual àquela de que proveio, não basta ao agricultor moderno lançar qualquer semente à terra.

O que lhe interessa não é multiplicar plantas. O que lhe interessa — e cada vez mais acentuadamente — é produzir em condições económicas e este facto significa obter, com o menor custo, a maior produção.

Com este objectivo escolhe as sementes que utiliza: põe de parte as que originam fracas colheitas, produtos de baixa qualidade, sejam susceptíveis a determinadas doenças, estejam muito misturadas com sementes de espécies indesejáveis, etc.

Ao longo dos séculos, através duma selecção rudimentar a princípio na investigação agrónómica depois, vem o agricultor dispondo de sementes seleccionadas, isto é, escolhidas como as melhores, mais adequadas aos seus objectivos, dentre a infinidade das que a natureza lhe faculta.

Nas regiões mais atrasadas, os agricultores semeiam uma parte das sementes que recolhem, retirando-as da arca ou da tulha onde as armazenam, sem lhes dispensarem qualquer cuidado especial.

Com o progresso agrícola passou-se a dedicar certa atenção à escolha dentro desse monte, separando as sementes maiores, mais ricas portanto em reservas, mais bem conformadas.

Mais recentemente, e em continuação do esforço da agronomia no campo do melhoramento de plantas, certos agricultores especializaram-se na produção de sementes destinadas exclusivamente a serem semeadas. Com esse objectivo adoptam uma cultura mais esmerada, seleccionam as variedades mais adaptadas a determinadas circunstâncias, de maior produtividade. Utilizam densidades adequadas, mondram cuidadosamente o terreno, extirpando dele as ervas daninhas, efectuam tratamentos indispensáveis, de modo a obterem uma semente sã, de boa densidade, bem conformada, que garanta uma colheita valiosa.

Estas sementes são depois vendidas aos outros agricultores para sementeira, depois de calibradas, separadas de sementes estranhas e acondicionadas devidamente.

Todas estas operações, bem como o esmero posto na cultura, justificam um aumento no preço das sementes relativamente ao preço do produto destinado a consumo. Esta diferença pode ser sensível, mas é explicável por este facto, e é largamente compensada pelo aumento de produção. Pode afirmar-se que o estado de adiantamento da Agricultura dum País se mede pelo emprego que faz de boas sementes.

Abrem-se aqui dois caminhos de progresso: o que resulta directamente da generalização do emprego de boas sementes e outro que resulta deste, que é a especialização de algumas explorações na produção daquelas sementes, actividade que, embora requiera boas aptidões e conhecimentos, é razoavelmente lucrativa.

Dadas as condições favoráveis ao nosso País para a produção de sementes poderemos vir a colher quantidades muito superiores às nossas necessidades com destino à exportação.

Atravessa a nossa Agricultura uma fase delicada de

transformação em que necessita de trilhar caminhos diferentes dos tradicionais.

A produção de sementes de cereais, de forragens, de hortaliças, de flores — abre-lhe vastas perspectivas económicas e constitui uma achega que não é de desprezar para a adaptação inevitável e novas condições de produção.

O ano de 1961 assistiu ao lançamento por parte da FAO (Organização para a Alimentação e Agricultura das Nações Unidas) de uma Campanha Mundial da Semente com o objectivo de chamar a atenção dos agricultores de todo o Mundo para a importância da boa semente para o êxito económico da exploração agrícola.

Milhões de agricultores em todos os Continentes continuam a lançar à terra sementes pouco produtivas, iguais às que herdaram dos seus remotos ascendentes.

Se os agricultores que aquelas sementes fossem substituídas por outras, disponíveis já nos países mais avançados, conseguir-se-ia dum jacto modificar as produções mundiais elevando-as a ponto de se poder acabar com um flagelo ainda muito generalizado — a fome.

Este não é, felizmente, o panorama do nosso País. No entanto, muitos milhares de agricultores dedicam ainda hoje muito pouca atenção às sementes que utilizam.

Daí a explicação para a Campanha Mundial das Sementes, criada pelo Governo, e cujo objectivo fundamental consiste em chamar a atenção da Lavoura para este problema, que é do seu interesse imediato.

Os Organismos regionais da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas colaboram na Campanha e prestam aos agricultores interessados todas as informações complementares que desejam, quanto às variedades a escolher, aquisição de sementes e normas a seguir na produção de sementes de boa qualidade.

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

Leia, Assine

Publique na

«Tribuna Livre»

CONSELHOS

AOS AVICULTORES

Os ovos, sendo um produto de alto valor nutritivo para o homem, perdem facilmente, com o rodar do tempo, as suas boas qualidades iniciais e tanto mais depressa quanto menos apropriadas forem as condições ambientais em que se encontram.

Além disso, podem ainda ser portadores de germes mais ou menos nocivos para a saúde humana, muito especialmente quando se encontrem conspurcados.

As donas de casa devem, pois, ao fazer as suas compras, exigir duas qualidades fundamentais dos ovos que vão adquirir: frescura e limpeza.

O avicultor deverá produzir ovos limpos e vendê-los poucos dias após a postura.

* * *

Nem todos os ovos servem para incubar. Os ovos postos há mais de 8 dias não devem ser incubados, porque a percentagem de eclosão baixa e os pintos nascidos têm menos vitalidade do que os obtidos de ovos frescos. Não incube, portanto, ovos postos há mais de 8 dias.

* * *

Num bando de galinhas poedeiras há sempre algumas que põem pouco e outras que nunca chegam a pôr. Identificar umas e outras deve constituir uma norma permanente em todo o aviário. Para o efeito, utilize ninhos-armadilha, atribuindo 1 ninho para cada 5 aves.

Se ainda o não fez, é a altura, senhor avicultor, de preparar os ninhos-armadilha e começar a registar as posturas das suas galinhas.

Saber quantos ovos põe uma galinha é uma medida indispensável à sua economia de qualquer exploração avícola.

Os visitantes são, muitas vezes, os transportadores de graves doenças para o interior das explorações avícolas. Por isso, só permita a entrada no seu aviário às pessoas cujos sapatos foram previamente desinfectados.

Coloque à entrada do aviário o seguinte leiteiro: «Proibida a entrada a pessoas estranhas».

* * *

As aves mortas e abandonadas em qualquer parte do aviário, podem constituir focos disseminadores de graves doenças.

Evite-os, portanto, enter-

rando profundamente depois de cobertas com cal ou outro desinfectante, todas as aves mortas, ou então, o que será melhor, destrua-as pelo fogo.

* * *

Dentre as várias doenças que atacam os pintos dos 10 aos 15 dias de idade a Coccidiose é uma das mais frequentes e das mais graves.

Embora tenha tratamento será mais económico evitá-la. Para isso dê aos pintos uma alimentação equilibrada, evite a humanidade das camas, não aloje pintos onde estiveram aves de idade mais avançada, e, finalmente, adicione à ração ou a água de bebida, um medicamento preventivo.

A Pulorose, também chamada Diarreia Branca Bacilar, é uma das doenças que maiores prejuízos causa à avicultura nacional.

As galinhas infectadas põem menos ovos e os pintos morrem em elevadas percentagens.

Porque esta doença se transmite das aves adultas aos pintos através dos ovos infectados, nunca incubar ovos sem ter a certeza que provêm de galinhas isentas desta doença.

Solicite à Intendência Pecuária regional ou à Estação de Avicultura Nacional a realização da prova do despiste da Pulorose.

* * *

A Pseudo-Peste, também chamada doença Newcastle, é uma das mais graves para os galináceos.

A fim de evitar prejuízos irreparáveis vacine os pintos, contra esta doença, aos 15 e 60 dias de idade, (observar as instruções das caixas da vacina).

Os ovos para incubar devem merecer aos avicultores a máxima atenção sobretudo no que se refere à doença chamada Pulorose.

Os ovos infectados com a Pulorose dão baixas percentagens de eclosão, e dos pintos nascidos, morrem uns, e os restantes ficam infectados para o resto da vida, jámaldando o rendimento desejado, e propagando indefinidamente a doença.

Siga este conselho, Sr. Avicultor, nunca incube ovos cujo estado sanitário desconheça.

Visado pela Censura

TRIBUNA do CONCELHO

CAIRES

Visitas

Deu-nos o prazer da sua muito estimada visita o Rev.^{mo} Senhor P.^o Manuel Moreira da Silva Dig.^{mo} Superior do Seminário de Nossa Senhora da Conceição — Braga, onde é distinto professor e abalizado ecónomo.

Sua Rev.^{cia} veio até Caires abastecer-se de fina laranja para toda aquela casa de formação eclesiástica, que no passado Domingo nos associamos todos no alto do Samedeiro, oferecendo-nos um abundante e apetitoso farnel. Obrigado.

Recordamos os melhores dias da nossa vida académica.

Senhor P.^o Luiz

Encontra-se, em Caires, junto de seus pais, a passar uma temporada de bem merecidas férias, este nosso colega — P. e Luiz de Almeida-Missionário de Sá da Bandeira — Angola. Há duas missas diárias, e por isso, o mês do Sagrado Coração de Jesus. Torna-se mais solene e condecorado.

Fim do Mês de Maio

Com um propósito geral e de crianças, pedindo as bênçãos do céu para esta freguesia e para o Concílio Ecuménico, fizemos em a nossa Igreja paroquial a festa da conclusão do mês de Maria, junto do seu formoso Altar.

Houve lágrimas em todos os olhos, orações e ofertas de flores naturais e espirituais a Nossa Senhora. Entre outros discursos, a Menina Maria das Dores Arantes Pereira, vestida de branco, perferiu, de cór, a seguinte prece:

O Terna e doce Mãe, que quiseste aparecer na nossa Terra portuguesa, santificando-a com a vossa Imaculada presença. Portugal viu-vos um dia, tocou-vos sentiu-vos e julgou-se orgulhoso, de ser o cantinho abençoado que vós escolhetes para trono das vossas misericórdias e do vosso amor?

O celeste Mãe! Hoje ao terminar este lindo mês de Maio os pequeninos desta nossa freguesia de Santa Maria de Caires, vêm a Vós, cheios de caridade e de amor, vestidos de inocência e de pureza, almas brancas em corpos brancos, flores e aromas nas mãos, para vos dizer Adeus. Custa muito dizer Adeus a Mãe. Ficai conosco, ó Mãe, e nós ficaremos contigo também. Já que o vosso amado filho Jesus, ressuscitado há 40 dias, subiu hoje, glorioso e triunfante ao Céu, agora mais do que nunca precisamos da vossa companhia, da vossa assistência, da vossa

bênção carinhosa. Maio termina hoje, mas para nós nunca termina; estamos sempre convosco.

A vós nos consagramos hoje e para sempre. Nosso corpo, nossa alma, nosso coração tudo vos pertence e para sempre. Somos coisa e propriedade vossa Amparai-nos, protegei-nos. O Mundo com as suas seduções, o demónio com as suas tentações infernais, a carne pecadora e corrompida que há em nós, tudo conspira para nos perder.

Mas quem poderá perder-nos se vós nos guardais? Quem poderá lançar-nos ao fogo do inferno, se vós nos quereis no Céu? Óh! sede sempre a Nossa Mãe! Estreitai-nos tão fortemente de encontro ao vosso Coração, que ninguém possa arrancarnos á vossa tão doce morada.

Nós em troca, vos prometemos amar-vos Muito, Muito; resar-vos as nossas Orações todos os dias; resarmos o nosso tercinho todos os dias; invocar com amor, o vosso Santo Nome; ser sempre vossos filhos, vossos filhos pequeninos que vos cumulam de Carícias, Mimos e beijinhos querida salvai-nos a todos, salvai esta vossa querida freguesia de Caires; abençoai o nosso pastor e todo o seu rebanho. E como recompensa do nosso amor, reservai-nos um cantinho lá em cima. Mãe querida, Adeus até ao Céu. — C.

Casa do Minho

Chegou a esta Redacção o Boletim n.º 3 desta prestigiosa instituição na Capital e honra-nos ver nele inserto, e bem destacado nas páginas centrais, um sensacional artigo da autoria do nosso particular amigo e ilustre escritor Dr. Castro Guimarães, sobre o Convento de Bouro e o sentido histórico da estatuária que exorna a sua fachada.

Boletim de aprimorada apresentação gráfica, é-nos muito grato verificar que os monumentos da nossa terra são especial motivo de elevada inspiração histórica e preferidos no contexto de belas publicações deste género.

Parabéns à Casa do Minho e à sua ilustre Direcção.

Vida elegante

ANIVERSÁRIO

Fazem anos:

1908 — Sr. Joaquim António Pereira, residente no Brasil.

Dia 20 — O Snr. Tomé Silvério Gonçalves Macedo.

Dia 22 — O Snr. Ulisses Valter da Silva e as senhoras Maria Aida de Sousa Pinheiro e Maria Rosa da Silva «Pena».

CARTA DE LAGO

***** Aos amigos de perto e de longe *****

Ainda que também por aqui se manifeste alguma coisa de agitação política do concelho de Amares, nas manifestações produzidas junto de certos balta. Quero antes falar-vos de notícias da casa, das coisas da nossa aldeia.

Baptizados

No dia 10 de Junho baptizou-se a primeira filhinha de António da Costa Ferreira e Maria de Fátima Soares Lopes.

Foram padrinhos os Senhores Domingos José Lopes, avô materno, e Maria do Carmo da Costa, avô paterna da baptizada, Maria do Carmo Lopes Ferreira.

Foi também baptizada em 10 de Junho a menina Ana Amélia Costa da Conceição Amorim, filha dos Senhores Rui Humberto Monteiro da Costa Amorim, comerciante e D. Cândida Pereira da Costa Amorim, professora do ensino primário oficial, residentes na Quinta de Bouro, de Lago, Amares. Foram padrinhos os Senhores Rui da Conceição Amorim, comerciante, residente em Braga e D. Ana de Jesus Alves Queiroz, da Quinta de Bouro de Lago Amares.

Vinho baptizado

Eu pensava que apenas os seres humanos eram capazes de baptismo! Mas não é assim! Dizem-me que também o vinho, mesmo o verdinho que «dá de comer a um milhão de portugueses» é capaz de receber o baptismo de água, sem benzer... Se fosse água benzida certamente não faria mal a ninguém. Agora, água sem benzer, é um caso muito sério!! Consta-me que já no cortejo de oferendas, para a Misericórdia de Amares, alguns amadores da bela pinga, indo matar a sede em qualquer taberna, que não conheço, da Feira Nova, ficaram com a tripalha bastante doente.

Depois disso ouvi diversas referências a cavalheiros que ficaram com a intestinação a doer por o vinho que beberam estar baptizado com água fresca, isto é, sem estar benzida..., e ter o dito vinho certos ingredientes de asseio, como fazem algumas mulheres páldas, afim de parecerem coradas... Portanto, o mal poderá vir da água, mas também pode vir das tintas... E dizem que ninguém fala de fiscalização!...

Depois disso ouvi diversas referências a cavalheiros que ficaram com a intestinação a doer por o vinho que beberam estar baptizado com água fresca, isto é, sem estar benzida..., e ter o dito vinho certos ingredientes de asseio, como fazem algumas mulheres páldas, afim de parecerem coradas... Portanto, o mal poderá vir da água, mas também pode vir das tintas... E dizem que ninguém fala de fiscalização!...

Hora dos médicos

Contaram que certo médico bastante divertido, disse a uma cliente: — Agora é hora dos taberneiros, é o São Mi-

guel deles!... Em breve chegará a hora dos médicos e dos padres! — A cliente quis saber as intenções do clínico e perguntou-lhe o que pretendes? É a hora dos taberneiros porque o vinho está caro e vale apenas baptizá-lo. Para disfarçar o baptismo empregam ingredientes, sempre prejudiciais à saúde intestinal de quem o bebe. Começam os indispostos a correr para os médicos... E estes, mesmo com toda a perícia, não deixarão de mandar alguns para o outro mundo.

Começa então o São Miguel dos padres. Isto, sem falar nos armadores e coveiros...

Males da Lavoura

Não custaria muito ser agricultor quando o tempo, a mão de obra e a colocação dos produtos são razoáveis. Mas, o tempo com as pragas da bicharada daninha inutilizam muitos dos esforços do agricultor. Entre os bichos daninhos podem contar-se os coelhos, as pombas, as pegas e os gaios. A mão de obra falta principalmente nas ocasiões mais urgentes da sacha e das mondas. A colocação dos produtos é bastante instável, apesar dos esforços das cooperativas vinícolas e da Federação dos Produtores de trigo. Ai dos lavradores, se não fôssem os serviços destas corporações!

Mas os agricultores, sobretudo os caseiros não vivem só do vinho, nem do milho. E quando a chuva não vem? Faltam as águas e seca tudo.

J. Moreira

CASAMENTO

No próximo mês de Julho, realiza-se o enlace matrimonial do Snr. Belmiro da Silva Pereira, com a jovem menina Maria da Glória Rodrigues Pereira, Funcionária dos C. T. T. em Sá da Bandeira — Angola.

Tribuna Livre deseja ao futuro novo lar, muitas felicidades.

TRIBUNA LIVRE

é distribuída em Braga no Quiosque Central Largo do Barão de São Martinho

Visado pela Censura

= A MODA =

Afinal de contas a moda, como a história repete-se. Aqui há dias vi na cabeça duma donzela, por sinal bem bonita, um penteado que as damas de 1760 usaram, por ser a moda dessa remota era, conforme o atesta este soneto de Nicolau Tolentino d'Almeida, poeta português que nasceu em 1740 e faleceu em 1811.

U.

≡ UM TOUCADO ≡

Chaves na mão, melena desgrehada,
Batendo o pé na casa, a mãe ordena
Que o furtado colchão fôfo e de pena,
A filha o ponha ali, ou a criada.

A filha, moça esbelta e aperaltada,
Lhe diz co'a doce voz, que o ar serena:
«Sumiu se-lhe um colchão?! é forte pena;
Olhe não fique a casa arruinada.»

«Tu respondes-me assim? tu zombas disto?
Tu cuidas que, por ter pai embarcado,
Já a mãe não tem mãos?» E dizendo isto,

Arremete-lhe á cara, e ao penteado;
Eis senão quando (caso nunca visto!)
Sai-lhe o colchão de dentro do toucado.

Nicolau Tolentino

Não queira perder a grande fortuna que tem ainda

LEITOR AMIGO!

Há quem passe uma grande parte da vida a lamentar-se, considerando-se pobre ou inteliz a propósito de tudo e de nada. E na verdade, se a sua alma é pobre, será a sua vida e infeliz o seu viver.

Pouco importa os haveres de que a alma pobre e o coração infeliz possam dispôr, visto que, sendo pobre por temperamento ou infeliz por deficiência moral ou filosófica viverá sem-crauidão do permanente lamento.

E é na onda do lamento que se arrasta ora subindo, ora descendo, à procura do nada que a tortura.

Quererá sempre mais dinheiro, mais gozo, mais prazer, mais luxo, mais honrarias e mais salamaleques. Dirá que os outros têm mais e melhor e que ela também poderá ter melhor e mais.

E luta assim, durante decênios, esquecida da verdadeira natureza da sua pessoa, procurando eternamente fora dela a inatingível loucura duma felicidade que não existe.

E eis que, um triste dia, repara que começa a ficar calvo, a perder vigor, a envelhecer. As pernas fraquejam, a coluna vertebral começa a perder o aprumo da vertical, os dentes desaparecem, a vista obnubila-se e o coração parece querer parar.

E descobre então, terrivelmente, tarde, que está velho ou doente e prestes a perder a to que não acaba nunca na vertigem do desejo alucinante.

Depois, com a doença ou num momento de inspiração, lembra-se de que já foi jovem, forte e sadio e adividha, já irremediavelmente tarde, que foi afinal riquíssimo sem o saber.

Sim, foi rico, quando, embora tendo porventura pouco dinheiro, era jovem e relativamente sadio e forte. E se então tivesse sabido desfrutar dessa grande fortuna que Deus lhe dera de graça bem melhor teria sido o seu futuro e menos triste teria sido a sua vida.

Aspectos do passado e do presente

(Continuação da 1.ª página)

«suras» e os peixes multicores a vogarem na água esverdeada e Limosa; a cerca rectangular, onde desliza-vam velozmente os intervalos recreativos. E, a par de tudo isto, os «veteranos» à «Cordoada» aos «caloiros» por pertenderem «furar a greve», a ensaboarem a calçeta frontal da avenida e o trabalho dos electricos para se comprazerem das quedas de cavalos e soldados; a alvejarem a tiro, em plena rua e à luz solar, professores e transeuntes... Tudo isto porque a policia (desse tempo) escasseava, mal segurando a vantagem bigodeira sobre inalações «mostosas» e desenvolvida «pança». A guerra grassava na Europa Central; é para lá se exportava o melhor das colheitas, descontroladamente, e dos nossos homens, a um tanto por cabeça, — que não pelo valor global que cada um representava! E, exposta a Nação a severas necessidades, podendo delas auferir ao menos elevados proventos, via exgotar-se-lhe a alta finança colectiva no esbanjamento de um super-individualismo... dos altos poderes intrusos e desacreditados.

já foi visto, talvez que tudo dos» por diversas vezes. Mas, por julgá-lo deveras oportuno na hora que passa, aqui o exponho à meditação de «levianos» para uma ajuizada «meia culpa». É pavoroso o caris iníquo dos últimos dias! Parece impossível, mas é verdade haver bailes clandestinos, na Capital e em outras cidades, no mais com p eto nudismo e promiscuidade de sexos, sob, pressão instintiva infrene. É verdade também que as «almas de boa vontade» são vscadas desbridamente e assaltadas, na rua, no intuito de cevarem-nas as maiores torpesas — por se dedicarem abnegadamente à difusão do Bem. É verdade ainda que a «canalha» se manifesta em público, exibindo cartazes de propaganda ao amor livre pelo divórcio e quejandos. Tudo pretende transformar-se na «balbúrdia infernal do passado longínquo... Todo este cenário se indentifica nas mesmas casas com diferente tatuagem.

É por isso mesmo que eu recordo a Arrancada heróica de Braga — em que tomei parte — o fim a que ela se propoz e atingiu. É esta recordação me afirma que é preciso o Governo mostrar-se cada vez mais forte na repressão do Candiditismo descarado dos vândalos deste século.

Visado pela censura

Ex-inspetor da PIDE:

«DELGADO É MENTIROSO»

Continuação da 5.ª página

Cruz acha que é impossível que Delgado — «que teve medo de deixar a embaixada brasileira em Lisboa para partir, mesmo com garantias do embaixador Álvaro Lins» — tenha tido coragem de entrar em Portugal e comandar a revolta de Beja. «Se fosse Galvão, eu acreditaria».

O ex-inspetor da Polícia Secreta portuguesa considera um erro a política que Portugal prossegue desenvolvendo em Angola, onde «só há um meio, uma solução para

Corta de Ruivães

Continuação da 6.ª página

com carradas de razões, os escolásticos.

A fiscalização encontrou um caçador com uma espingarda que não é sua? Apresentou o manifesto dela, ainda que em nome alheio, e indicou o nome do seu proprietário?

Parece que isto deveria chegar para justificar o acto.

Quanto mais se simplificarem as coisas, menos tempo se perde.

Complicar não é resolver. de caça venha remediatar e facilitar umas tantas coisas que muito carecem de ser simplificadas.

Os maiores inimigos da caça são os caçadores furtivos e os cães á solta no tempo defeso.

Que todo o rigor da lei venha a pesar sobre aqueles, mas que não venha sofrendo o justo pelo pecador.

Amadeu César

o problema da infiltração estrangeira: transformar Angola em capital de Portugal onde então seria instalada Nova Lisboa». «Quanto ao caso de Goa, limita-se a dizer que os ingleses traíram, pois não se lembram que eles e os americanos devem a vitória na II Gerra às portuquês dos Açores cedidas pelos portuquês à aviação aliada».

Quanto ao próximo e anunciado «para breve» golpe do DRIL, disse Manuel da Cruz que o DRIL não tem «data marcadas», porque não tem homens para executar os seus desígnios, e que pelo momento cedo o mundo não ouvirá outra façanha dos homens de Galvão».

O ex-membro da PIDE — que ao chegar no Brasil, com mais de cinquenta anos de idade, empregou-se como bancista nas lojas Santa Branca, e depois Seda Moderna — teve seu último emprego como motorista do médico Arnaldo de Moraes, de quem se tornou grande admirador e quem acompanhou até a morte.

Hoje, amigo íntimo do «Chefe Fernandes, cujos feitos — embora todos anti-salazaristas — admira, o ex-agente aguarau-rebrião enquadrado lançado a Delgado, alerta o governo brasileiro:

«As autoridades brasileiras que abram o olho, pois com tanta bondade, tem muitos portuquês sem dinheiro escondendo-se na Embaixada Brasileira em Portugal para vir para o Brasil de graça sem problemas».

Transcrito do Jornal «Tribuna da Imprensa».

AH!... O GOIVEIRO!

A ti e aos teus anos espargidos
Dedico mais um ai deste meu peito;
Colhe-o, que a essência dos vencidos
Tem sempre para as almas um fructo.

A ti, a quem amei sem algum jeito,
E que vi pouco a pouco diluidos
Os ideais que formei do teu conceito,
Ofereço-te os meus sonhos languescidos:

Guarda-os. Vão candentes, todavia,
Só te queimam o pútrido e o fanal
Que o puro e santo que em ti existia

Já o cá tenho há muito arrecadado
No símbolo do meu goivo, que afinal,
Foi goiveiro o sempre desejado.

Cíncero Dias

ABJURAÇÃO

Vive no orgulho desse teu preceito
Que vivendo assim veneras satanáas.
Cá por mim eu faço dele o meu pleito
Com que voto no conjuro do apraz.

A ti não interessa o arfar doutro peito
Nem nas noites o meu-teu serão loquaz;
Importa-te apenas viver desse jeito,
Fazê-lo sem céu, sem Deus, sem fé e paz.

Viver como vivem na toca os bichos,
Viver como vivem os vermes em monturo.
Um pouco és dife'rente, pois tens capríchos!

Ah! Mas saiba quem por ti for enganado
Que gemendo do meu peito te abjuro
Que gemendo te abjuro desgraçado...

Cíncero Dias



FUNDADA EM 1835

Há mais dum século, na «DOURO» está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

Deseja trabalhos tipográficos com rapidez e perfeição?

**DIRIJA-SE À
MODÉLAR**

Telefone 62113

Amores

**COMPANHIA DE
SEGUROS 'DOURO',
SEGUROS EM
TODOS OS RAMOS**

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

Ex-inspector da PIDE:

«Delgado é mentiroso»

«Se fosse o capitão Henrique Galvão que afirmasse ter entrado em Portugal, sozinho, disfarçado, enfrentando toda a polícia portuguesa corajosamente, eu acreditaria. Mas Delgado, esse mentiroso, desafia que prove—como puder—tudo o que tem afirmado e dado a entender a respeito dos movimentos anti-salaristas».

Isto foi o que disse à TRIBUNA o inspetor aposentado da PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado) Manuel da Cruz, que lança um desafio ao general Humberto Delgado, para provar «através da televisão, ou de qualquer outro meio», que:

1 realmente esteve em Beja, onde disse «comandar a revolta da Guarnição militar».

2 obteve ou sequer tentou obter o que se chama de «pequeno avião, numa das tentativas para entrar em Beja».

3 tentou entrar ou sequer pensou em entrar em contato com «navios contrabandistas» como afirmou a TRIBUNA DA IMPRENSA.

4 tem realmente coragem.

Infantil

O sr. Manuel da Cruz, que é partidário da ditadura do sr. Oliveira Salazar, com quem colaborou na PIDE, durante mais de 30 anos, servindo em Angola, Moçambique, Lisboa, e em outros países da Europa, considera «infantis», as atitudes do general Humberto Delgado que, «sem hesitar, assume a paternidade de todo e qualquer ato de rebeldia contra o regime português que surja em qualquer parte do mundo e dirigido por qualquer grupo».

Com 58 anos de idade, e tendo participado da revolução de 28 de maio que colocou no poder o sr. Oliveira Salazar, o ex-polícia secreta sofreu recentemente um atentado, na porta da UNE momentos após a chegada do general Humberto Delgado. Correndo para um loteamento, conseguiu escapar ao grupo de portugueses rebeldes, «que então sorriram um outro patriótico que nada tinha com os acontecimentos».

Pide sabia

Mostrando que a organização da máquina policial portuguesa é perfeita demais para ser burlada por «um visionário» como Delgado—dentro e fora de Portugal—revelou o sr. Manuel da Cruz que a PIDE realmente estava informada com antecedência de vários meses do atentado que o DRIL (Diretório Revolu-

nário Ibérico de Libertação) planejara e mais tarde executou contra o navio «Santa Maria».

Disse da Cruz que o plano fôra preparado muito antes da época em que foi executado segundo informações coletadas pelos Serviços de Segurança de Portugal e que a trama fôra urdida na Venezuela sede então do DRIL. Só muito mais tarde Galvão então tomou conhecimento da aventura aceitando assumir o comando da Operação, «homem corajoso e inteligente que sempre foi».

Segundo Manuel da Cruz o plano original não previa o assalto ao «Santa Maria» mas «a qualquer navio—mesmo cargueiro, onde os revolucionários pudessem partir para ponto mais próximo do continente ou das colônias portuguesas».

«O registro e os arquivos da Polícia portuguesa são tão perfeitos—você compreende, não são como os daqui onde este problema praticamente não é considerado—que um simples turista antes de chegar antes de entrar em Portugal, já tem sua ficha completamente levantada e analisada. Sabemos quem entra e quem vai entrar, como, com quanto e com quem. E para que» explicou êle.

Residindo no Brasil há nove anos, Manuel da Cruz já sofreu dezenas de atentados a tiros e a bombas. Tem cinco projéteis e marca de projéteis pelo corpo. Tem duas tatuagens que foi obrigado a fazer quando estêve oito meses numa prisão de Lisboa, como agente secreto, fingindo-se de comunista para desmontar «determinadas articulações».

Sel que me odela

«Eu sei que muita gente me odeia. Não importa. Desempenhei minha missão, não trai, e espero tranquilamente o paredão para onde serei levado pelos comunistas, que indiscutivelmente não tardarão. Entretanto, não temo. Sei que quando chegar a hora, lá será meu lugar».

O sr. Manuel da Cruz, que considera o governador carioca como um dos maiores líderes do mundo na luta contra o avanço comunista—«do qual o Brasil só se livrará com uma perfeita organização Policial—, disse que o povo brasileiro, um dos mais liberais do mundo, está desprevenido, mal informado e que sofrerá tremendamente sob um regime totalitário do estilo soviético.

Delgado & Galvão

Definindo o general Humberto Delgado, disse: «Delgado foi o homem nomeado por Salazar para representar a oposição nas eleições. Em dado momento, enebriou-se e esqueceu-se disso. Foi o desastre que todos estamos vendo. Completamente desligado de qualquer articulação revolucionária ou movimento rebelde feito em Portugal ou fora dêle—mesmo no Brasil—o bôbo do Delgado encampa e assume a responsabilidade de tudo o que acontece e proclama-se, então, o «chefe geral».

«A verdade que precisa ser dita», é que Delgado nada teve que ver com o caso «Santa Maria», nada teve que ver com o assalto a Beja, com Angola e ainda: se um dia Salazar tiver ou fôr obrigado a entregar a política portuguesa para outras mãos, já-mais o povo português aceitaria o sr. general Humberto Delgado, «O Gato de Botas».

Quanto a Galvão, embora discorde de suas idéias políticas, considero-o um valente, disse o ex-presidente da INTERPOL em Lisboa, que conheceu Galvão quando êle era um dos maiores colaboradores de Salazar em Portugal, dirigindo a Emissora Nacional».

«Galvão era inteligente, e o que se podia chamar de um dos maiores colaboradores do chamado Estado Novo português. Desde a revolução até 1952, colaborou em diversos setores nacionais com a ditadura surpreendendo a todos quando foi pilhado organizando a revolução com que tentaria derrubar Salazar.

Em 1953 Galvão foi condenado por um Tribunal Militar, realizado em Santa Clara. Com êle foi também condenado um dos mais brilhantes chefes de polícia de Lisboa, chefe Fernandes, que abandonou a política e descansa hoje no Brasil».

«Eu foi o chefe da escolta que guardou Galvão durante trinta dias, o tempo que durou o seu julgamento no Tribunal Militar de Santa Clara, em Lisboa. Conheci-o e admirei-o. Assisti seu julgamento, e lembro-me quando foi duas vezes expulso da sala de audiências, por desrespeitar o juiz. Não respondia fazia caretas, dizia nomes feios para o magistrado em suma, portou-se como um corajoso, o que Delgado não faria.

«A revolução planejada por Galvão com o chefe Fernandes fôra toda articulada em

XIX

A INDIA PORTUGUESA

por Porfírio de Sousa

Continuação do número anterior

A Índia—a portentosa Índia—era um verdadeiro xadrez de diferentes e multiplas raças que se repartia em muitos reinos, uns maiores, outros mais pequenos, uns mais ricos, outros remediados.

Para unificar todos esses reinos era necessário um plano de conjunto e vencer todas as resistências que cada povo havia de opor para manter a sua liberdade e hegemonia.

Para se vencerem essas resistências, umas maiores, outras menores, teriam de se travar muitas e cruentas guerras, correrem rios de sangue e perderam-se muitas vidas.

Para levar a efeito esse gigantesco cometimento era preciso um homem de inquebrantável

vontade, que fosse, ao mesmo tempo, um gênio e um guerreiro.

Esse gênio de político e de guerreiro, que consubstanciava em si as duas raras qualidades, encontrava-se na Índia.

Afonso de Albuquerque, o homem presdestinado para grandes feitos, quando tomou posse do governo da Índia, como segundo Vice-Rei, respirou fundo, a plenos pulmões, pois dali em diante seria o supremo árbitro do nascente império português no Oriente.

A sua inflexível vontade era a suprema lei e ele usaria dela na medida que fosse oportuna em perfeita conjugação com os altos interesses da Pátria!

O seu lema era relegião e pátria e para dignificar a primeira e dilatar a segunda não parava na consecução do seu patriótico fim.

Tinha na sua frente uma extensa larguesa para talhar o grande império que sonhara e, sem perda de tempo, ia transformar esse belo e acrisolado sonho na mais luminosa e palpável realidade.

Afonso de Albuquerque não descuidava os mais insignificantes por menores da sua ingente tarefa e o império, que estava a talhar e a construir ao mesmo tempo, necessitava de uma capital, para sede do governo e de todos os órgãos militares e administrativos.

Goa era a única das suas irmãs que reunia todos os requisitos indispensáveis, pois, além de estar mais centralizada, tinha um bom porto para ancoradouro da esquadra de guerra e movimento dos navios mercantes que chegavam dos diferentes pontos ajouçados assim, para mais tarde, e para melhor oportunidade, a tomada de Aden, pois, nessa ocasião, envidaria os maiores esforços para conseguir o seu almejado objectivo.

O Vice-Rei tinha a domini definitivamente o seu grande império e a tomada de Aden significava a conclusão e a chave desse grandioso e majestoso edifício.

O cérebro de Afonso de Albuquerque não parava a girar novos empreendimentos que tornassem Portugal maior e admirado.

Na patriótica ancia de bem servir a Pátria acalentou a temerária ideia de transportar 400 cavaleiros e ir desembarcar a Liumbo e dali, à desfilada, correria à cidade de Meka para se apoderar do tesouro sagrado e do próprio corpo do profeta e só entregaria essas inestimáveis relíquias aos arábes em troca do Santo Sepulcro que estava em poder dos infieis.

(Continua no próximo número)

Do Gerês

Festa em honra de Santo António

Realizou-se nestas termas a festa de Santo António, tendo corrido todos os actos religiosos na melhor ordem, com lindos andores e muitos figurados.

O sermão foi por um distinto orador Sagrado, R.^{mo} Dr. José Fernandes de Carvalho Alvim, do Seminário de Braga. A banda que se exibiu com bom reportório era das Taipas. À noite veio um lindo rancho folclórico de Vila Verde que mostrou as suas danças e cantares populares até perto da meia noite. Desde o dia anterior que os alti-falantes tocavam os seus discos variados. Parabéns ao Senhor Dias, Juiz desta festividade e aos componentes pela sua organização. — C.

código e previa um primeiro golpe com o apoio da Primeira Esquadra de Segurança Pública de Lisboa, cujo líder era o «Chefe Fernandes».

Nos documentos codificados, a polícia descobriu que um traço horizontal junto de uma rodinha e uma casa junto significava que o plano previa o bombardeio da casa de Salazar com um canhão.

«Mas como a polícia em Portugal é como formiga, graças a Deus e conta com corpos especiais de fotógrafos, redatores, impressores, vigias, motoristas, condutores, soldados, faxineiros, ela está em toda a parte e é difficilimo, senão impossível, organizar qualquer coisa secreta».

Medroso

Por isto tudo, Manuel da

(Continua na 4.ª página)

Tribuna de Vieira do Minho

CARTA DE RUIVÃES

Tem sido comentadas várias disposições do Código da Lei de caça, que, a meu ver deveria sofrer algumas modificações.

Eu desejava ver o caçador punido com sanções severas, pois todos reconhecem que há muito quem transgrida.

Mas, ordinariamente, não é o caçador legalizado quem abusa, mas sim o caçador furtivo, que começa a digimar a caça muito tempo antes da época própria; que leva consigo os cães para o monte, para que estes lhes descubram as ninhadas e as lapareiras, que os farçantes destroem deshumanamente, criminosamente.

Parece-me que não há duas opiniões sobre este caso ou a fiscalização se intensifica, ou os abusos continuarão desperdada e impunemente.

Fiscalização intensa, e penalidades severas, eis o remédio.

A par, porém, dessa fiscalização e da severidade, torna-se indispensável que o caçador honesto, respeitador, tenha um mínimo de garantias justas e efectivas.

Para tal se legalizou, pagando as respectivas licenças.

Temos, por exemplo a caça às rolas.

Afinal, só podem mercê-la os homens do dinheiro, pois nem todos tem meios para se deslocar aos locais determinados pelas Comissões Venatórias.

Não. Alberta a casa às rolas, todos devem ter direito a mercê-la, onde quer que estas possam ser perseguidas, e não somente, onde os endinheirados preferem.

É que, assim, enquanto uns se receiam, porque tem meios

pecuniários para a sua deslocação, outros ficam a chuchar no dêdo, porque os seus afazeres e os seus poucos meios não lhes permitem deslocações, que ficam sempre pesada a dinheiro.

Cá está o caso: sanções pesadas e fiscalização intensiva.

Mas lá porque pode dar-se o caso de haver quem abuse, isso não é razão que justifique tal cerciamento de direitos aos caçadores legalizados.

Outra incompreensão consiste em ser necessário uma declaração escrita e reconhecida no notário para que um caçador legalizado possa emprestar à sua espingarda a outro caçador, igualmente legalizado.

Se sucede inutilizar-se uma espingarda, em local que às vezes dista 10, 15 ou mais quilómetros de um notariado como é que o dono dela vai percorrer essa distância, para ficar com direito a que alguém lhe empreste uma espingarda.

Modus in rebus, diziam, e

Continua na 4.ª página

BARRACADAS

A CARTA

Recebi a sua carta com três folhas. A mim era escusado esse trabalho e essa despesa. Sim porque isso deu-lhe despesa. O papel o envelope... o selo. A falta de indicação de quem veio... não fez falta. Bem vos conheço. A vós e ao método. Vós sois vós, iguais a vós. *Sobreiro que dás bolota, porque não dás coisa boa. Cada um dá o que tem. Igual à sua pessoa.* O método é o que costumais usar. Atirar a pedra e esconder a mão. O que costumais usar para lançar a calúnia, a intriga. Enfim é o anonimato, tanto do vosso agrado. Bem vos conheço.

A vós e ao método. Mas porque não nos esclareceis, de preferência, sobre assuntos que desconhecemos, como por exemplo: «Dinheiros legados a uma instituição, sumiram-se, sem que até hoje se saiba porque artes?»

Aquele abono desviado e resposto, aquele velho enganado com um casamento que morreu com o desgosto de saber que nada era já seu.

Vós, sempre tão bem informados, não querereis esclarecer-nos, inclusivé, usando o vosso método? — D. Fuas

NOTÍCIAS DE CANIÇADA

Realizou-se no passado Domingo, dia 10, a festa em honra de nossa Senhora do Rosário nesta freguesia; este ano, ao contrário dos anteriores beneficiamos de excelentes dias de Primavera que convidando o povo das freguesias vizinhas todos ocorreram ali.

No Sábado dia 9 houve como de costume a imponente procissão de velas que este ano com itinerário diferente, subindo a encosta verdejante do Arejal, descendo pela Estrada Nacional num trajecto de 4 Km. aproximadamente, vindo recolher à Igreja paroquial, de onde havia partido; após esta finalizada houve numa breve alocução proferida pelo Rev. P. José Cosme, pároco daquela freguesia; que frisou premonisadamente factos dignos de louvor que êle mesmo presenciou no decorrer desta; Seguidamente ás 23,30 uma brilhante sessão de fogo de artifício ali teve lugar, onde se bateram dois dos melhores Pirotécnicos do norte do País. Às 6 h. do dia 10, uma potente salva de morteiros levou os bons dias aos povos mais distantes abrindo assim o dia festivo, ás 11 h. deu entrada com a Juiza, menina Alice Gonçalves a Banda de Vieira do Minho, seguindo-se a Santa missa, depois do sermão feito por um distinto orador, seguiu-se a procissão onde se destacava o andor de Nossa Senhora do Rosário gostosamente decorado pelo Senhor Máximo José Barbosa, a quem foram confiados todos

res, Ponte do Porto, Crespos, Confeiteira, tornando outra vez a Caldelas, terminará no Largo Dr. Oliveira Salazar onde será instalada a meta.

os serviços de armação.

Depois desta procedeu-se á cerimónia dos Rosários que terminou por volta das 17 h. terminados os actos do culto, todos êstes transmitidos através dos alti-falantes ali ao serviço da Comissão; no recinto sombreado da festa sempre com música alegre saboreava-se a bela pinga e os petiscos para esse fim preparados, procedeu-se depois á arrematação dos segredos, que deixou de parabéns a menina Teresa de Campos que como vem já acontecendo há 3 anos, foi o mais rendoso para a Comissão, e assim, sem a mais pequena desavensa, sem trabalho para as autoridades encarregadas da ordem, terminou a nossa festa marcando mais uma página alegre na imaginação de todos nós. — José Silva

DIZEM...

—Que um tal pendura se esqueceu de mandar acrescentar num certo papel distribuído o n.º de contos que repôs, por os ter metido ao bolso, e ser descoberto;

—Que se esqueceu de mandar copiar o testamento que fez um Ribeiro sair do leito e cair-lhe no papo e a maneira como o conseguiu e deixou o velho morrer na dependura;

—Também se esqueceu de mandar fazer o documento que garante af um certo velhote de dinheiro que lhe emprestou e de que espera o óbito para ficar como herança;

—Podia sair o documento pelo qual, à sombra de um casamento, um velhote ficou depurado em vida... vida que por isso se acabou bem cedo.

CICLISMO

Integrado nas festas de S. António, é já no próximo Domingo que se realiza o V. Circuito em ciclismo para populares numa extensão de 60 quilómetros, o que promete ser mais um êxito atendendo ao grande número de inscrições que se estão a verificar.

Esta prova será patrocinada por todo o comércio desta Vila, também teve o patrocínio das seguintes casas de Caldelas; António Alves da Mota;

Albertino de Araújo; Pensão Continental Machado; Hotel da Bela-Vista; Grande Hotel de Caldelas; Domingos Mendes; Alfaiate e ambas as casas de Quinquilharias.

Esta prova que está a despertar o maior interesse terá o seguinte itinerário: Partida do Largo Dr. Oliveira Salazar, passando por Besteiros, Portela, Caldelas, Torre, Fiscal-Rendufe, tornando ao ponto de partida, seguindo por Ama-

Nobiliarquia Regional

Do 1.º houve um filho — António Manuel de Melo Barata Duarte Mendes que nasceu em 1914.

Do 2.º uma filha — D. Maria da Conceição de Melo Barata Duarte dos Santos Mendes que nasceu em 1928.

António Pereira de Melo nasceu em 1848 e faleceu em 1893. Casou c. D. Maria das Dores de Sales da Silva Mendonça.

D. Maria das Dores nasceu solteira, faleceu solteira. Domingos Manuel de Melo Falcão Barata, nasceu em 1834, bacharel em D.to e Juiz; Conservou a casa de seus pais. Casou, em 1881, com sua prima co-irmã D. Amélia Cardoso de Melo Barata, filha de Manuel José de Melo Freire Barata e de sua m.ª D. Jacinta Maria de Araujo Cardoso. Tiveram dois filhos e uma filha:

— João Baptista de Melo Marinho Falcão Barata nasceu a 24 de Junho de 1882 e faleceu em 1920. Casou em 1907, c. D. Maria do Patrocínio Lisboa e tiveram 7 filhos.

— Fernando Edgar nasceu em 1908.

— D. Maria Margarida do Patrocínio nasceu em 1910.

— D. Maria Leontina nasceu em 1912.

— D. Maria do Patrocínio nasceu em 1914; Casou em 1931 c/ José de Sampaio Portugal Fernandes Dias, filho do bacharel e Juiz de D.to José de Portugal Fernandes Dias (que morreu de desastre em 1931) e de sua mulher D. Judite de Sampaio.

— Domingos Manuel nasceu em 1916.

D. Maria Almerinda nasceu em 1918.

João Maria nasceu em 1920.

Domingos Manuel de Melo Marinho Falcão Barata, o 2.º filho, nasceu em 1891 e casou em 1920 c.D. Antónia Marques Bento.

D. Maria Amélia de Melo Falcão Barata, a filha do casal, foi

sr.ª da casa do Campo de Santa Ana, em Braga; nasceu em Moura em 1906. Casou com Bento Gonçalves dos Santos Junior, em 1925.

* * *

No Arquivo Heráldico de Sanches de Baena, a pag. 461, vem uma carta de brasão, assim:

«N.º 1827 — Manuel Antonio Ferreira Campelo, natural do lugar da Bornaria, Sãta Maria de Ferreiras, Entre-Homem e Cávado; morador na cidade da Baia; filho legítimo de Antonio Gonçalves Campelo e de Mariana Vaz; neto paterno de Manuel Gonçalves e de Angela Antónia; materno de António Vaz de Carvalho e de Maria da Silva, filha de João Ferreira e de Joana da Silva que era filha de Domingos Pinheiro e de Maria da Silva, filha de Gaspar da Silva e de Catarina Gonçalves, neta de Francisco Afonso e de Inacia da Silva, filha de Tristão Feio da Cunha e de Constança Ferraz que foi filha de Gaspar da Silva escudeiro da Casa Real, e que todos os ditos seus antepassados foram pessoas muito nobres, e legítimos descendentes das famílias dos apelidos dos Campelos, Carvalhos, Ferreiras, e Silvas, e como taes se tractaram a lei da nobreza.

Um escudo esquartelado; no primeiro as armas dos Campelos, no segundo as dos Carvalhos, no terceiro as dos Ferreiras, e no quarto as dos Silvas. Reg. do no Cartório da Nobreza — liv. 1 - fls. 21.»

Consta que os Campelos são provenientes de Castela, e vieram para Portugal já no tempo de D. Fernando, começando a ser conhecidos, no reinado de D. Afonso V, por Gonçalo Vaz de Campos, escudeiro de D. Vasco de Ataíde prior do Crato, ao qual o dito rei deu por armas: em campo azul três cabeças de leão de ouro, com linguas vermelhas, postas em roquete, e vertendo sangue pelas cortaduras; timbre uma das cabeças.

Outros Campelos usaram as armas dos Moraes. Igualmente, consta que tomaram o apelido de S. Bartolomeu de Campelo, no concelho de Baião, pela forma seguinte:

(CONTINUA)